

## AMBIVALÊNCIA: UM ESTUDO ACERCA DOS MAMELUCOS E INDIANIZADOS, DURANTE O BRASIL COLONIAL

Daniele dos Santos<sup>1</sup>

José Edecácio Balduino Alves<sup>2</sup>

Ricardo Pereira da Silva<sup>3</sup>

Thaysa Raianne Oliveira Braz<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de abordar concepções acerca dos mamelucos e indianizados no contexto do Brasil Colonial. Para isso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como método de investigação do estudo do historiador Vainfas (1995), que aborda a atuação dos mamelucos e indianizados, em busca dos índios dos sertões adentro e como deu-se o processo de dereligião entre colonizadores e indígenas. Diante disso, a contextualização do objeto da pesquisa discutiu os panoramas dos campos teóricos de História da América e História Indígena, como Haubert (1990), Sérgio Buarque de Holanda, Aurélio Buarque de Holanda e outros. Nesse sentido, mediante a revisão bibliográfica, de natureza descritiva, da obra *A Heresia dos Índios (1995)*, identificaram-se aspectos do cotidiano, da sociabilidade e do exercício de poderes desses mamelucos e indianizados, embora os registros produzidos tenham sido feitos na terceira pessoa. Concluiu-se que as alteridades extremas que os mamelucos interpretaram com relação aos colonizadores possibilitaram a produção de documentos que, em seus escritos, nos proporcionaram conhecer suas vidas, dinâmicas e outros aspectos sociais do Período Colonial brasileiro.

Palavras-chave: Brasil; América; História Colonial; História Indígena; Mameluco.

---

1 Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, daniele.santos2@aluno.uepb.edu.br;

2 Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jose.balduino@aluno.uepb.edu.br;

3 Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ricardo.pereira@aluno.uepb.edu.br;

4 Graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, thaysa.braz@aluno.uepb.edu.br.



## INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos entender como surgiu o grupo étnico-cultural mamelucos e o papel social de influência dos mamelucos no Brasil Colonial, com diversos exemplos das vivências desses descendentes de portugueses e indígenas, que travaram uma discussão contra os jesuítas sobre a catequização dos indígenas, assim, surgindo uma nova religião com o sincretismo religioso, com características cristãs e ancestrais dos indígenas. Na interação dos indígenas com os colonizadores, houve um processo de “indianização”, como uma possibilidade de adaptação mútua entre europeus e indígena.

Para isso, como será visto, analisamos o primeiro tópico *Ambivalência: Mamelucos e Indianizados* do Capítulo VI – *Ambivalência e Adesões* – da obra *A Hesia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial (1995)*, do Professor Doutor Ronaldo Vainfas, para compreender esse novo grupo étnico-cultural que surgiu no processo de mestiçagem no Brasil Colonial, em decorrência das relações entre indígenas e colonizadores, com características culturais de ambos.

## ORIGEM DO TERMO MAMELUCOS E O SEU SIGNIFICADO.

De fato, torna-se necessário compreender quem seriam os “mamelucos” abordados por Vainfas (1995), como “[...] esses homens culturalmente híbridos — meio brancos, meio índios — expressaram um tipo de ambivalência por vezes mais disjuntiva que a santidade ameríndia” (Vainfas, 1995, p. 141), que, em suma, seriam homens híbridos, com dupla origem, sendo o resultado das consequências do processo de colonização, visto que houve um entrosamento sexual entre os povos nativos e portugueses e, com isso, a grande maioria tinha a mãe de origem indígena e o pai de origem portuguesa.

Ademais, é fundamental entender qual o significado da palavra *mameluco* e sua origem que, logo, atribuiu-se ao processo de colonização da América Portuguesa. Para Haubert (1990), a palavra era do vocábulo tupi, sendo *maloca*, assim, significando morada dos índios – termo utilizado para se referir às expedições de captura de índios. Por outro lado, outros afirmam que esse termo era usado no Portugal medieval para designar mestiços que eram filhos de cristãos portugueses e mouros, o que foi posteriormente adaptado para os mestiços de filhos de brancos e índias no Brasil. Contudo, a opinião mais predominante é que a palavra *mameluco* teria sido atribuída aos mestiços pela sua ferocidade na caça aos escravos.

[...] Mameluco é palavra de origem árabe, *mamluk*, que significa “escravo, pajem, criado” - segundo Aurélio Buarque de Holanda, mas é o arguto Antônio de Moraes



Silva quem fornece a chave para esclarecer de vez a questão, ao dizer que mamelucos “eram turcos criados nas artes da guerra” (VAINFAS, 1995, p. 141-142).

Nesse sentido, a palavra *mameluco* possivelmente originou-se na Idade Média, em Portugal, derivando do termo árabe denotativo da facção de escravos turcos, que, em guerrilha com os exercícios muçulmanos no Egito, fundaram uma dinastia afamada por sua tirania na região. Todavia, os mamelucos do Brasil Colonial herdaram, no próprio nome, a fama de violentos dos guerreiros turco-egípcios que viviam em conflitos por territórios e riquezas em um contexto similar.

Com isso, os mamelucos eram verdadeiros mestiços portugueses e indígenas, com características culturais de ambas origens, que formavam expedições de índios e colonizadores para irem ao sertão brasileiro em busca de índios que mostravam resistência ao processo de colonização portuguesa.

Portanto, essas jornadas passaram a focar no aprisionamento de índios, já que o uso de mão de obra escrava era um objetivo comum entre os colonos portugueses. Para tanto, organizavam expedições conhecidas como “bandeiras”, os índios eram capturados próximo às vilas, empregados nas plantações e na defesa contra ataques de tribos inimigas, como os Tamoios e os Carijós. Desse modo, essas jornadas podiam reunir centenas ou até mais de mil homens com mamelucos e índios em maior número do que os brancos. Esses grupos exploravam o sertão por meses, e até por anos, liderados por um chefe auxiliado por homens brancos, um capelão, mamelucos e numerosos índios.

## **A INFLUÊNCIA E O PAPEL DOS MAMELUCOS DURANTE O PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO**

No processo de colonização e consequente interiorização do Brasil Colonial, fica evidente o protagonismo dos mamelucos, sendo estes personagens responsáveis por, de fato, alargar as fronteiras portuguesas para além do Tratado de Tordesilhas. Isso servia como guia dos colonizadores para além dos litorais costumeiramente ocupados em busca de pedras e metais preciosos, bem como na arregimentação de novos escravos indígenas. Faziam-se determinantes no desbravamento dos sertões pelas suas diversas habilidades no trato com os indígenas, isto por serem parte dessa etnia, algo que acarretava um vasto conhecimento da terra e dos animais. Conforme preceitua Sérgio Buarque de Holanda:

Encontra-se ali o essencial de uma etno-história, dos mamelucos, bandeirantes e sertanistas que se moviam com rara destreza diante dos perigos da mata. Enfrentavam não só moléstias, mas “ a fome, a sede, o gentio brabo, os animais



peçonhentos e agressivos”, e todo um cortejo de ameaças que somente eles, com subabagem cultural híbrida, eram capazes de desafiar (Vainfas, 1995, p. 142).

Os mamelucos herdaram dos nativos conhecimentos sobre a geografia da terra, com habilidades para abrir trilhas nas florestas, livrar-se dos perigos de animais peçonhentos e, caso algum do bando fosse atacado, havia os saberes absorvidos por eles dos curandeiros indígenas na utilização de ervas com fins terapêuticos.

Eram hábeis guerreiros com conhecimentos das armas indígenas e portuguesas, optando por usá-las para extrair o máximo de eficiência. Nesse sentido, utilizavam em suas guerras diversos rituais indígenas, entre os quais as práticas de antropofagia para com seus inimigos capturados e a tatuagem, símbolo de formação de grande guerreiro nativo e que estava atrelada a fazê-la no próprio corpo sempre que matasse algum inimigo. Tal marca era construída através de uma incisão com um dente de cotia afiado constituído de forma cruzada na pele que, por fim, aplicavam uma tintura feita à base de jenipapo, conforme escreve o cronista È Léry:

Os executores desses sacrifícios humanos reputam o seu ato grandemente honroso; depois de praticada a façanha retiram-se em suas choças e fazem no peito, nos braços, nas coxas e na barriga das pernas sangrentas incisões [...]. O número de incisões indica o número de vítimas sacrificadas e lhes aumenta a consideração dos companheiros. (Lery, 1578, p.169-170)

No processo de busca por indígenas para servir de moeda de troca, como trabalho escravo junto aos colonizadores, não foi raro os relatos de desacato promovido pelos mamelucos contra os padres jesuítas. Nesse aspecto, a meta dos mamelucos era convencer índios a caminho de aldeamentos jesuíticos a desistirem, sob o argumento de que lá teriam proibidos todos os seus costumes. Ficam evidentes as habilidades dos mamelucos de versar nos dois mundos, sendo estes versados no idioma do colonizador e dos nativos, exercendo, em muitas das ocasiões, a função de intérprete.

A ambivalência cultural na vida dos mamelucos compreendia o trânsito entre serem meio índio e meio branco. Isso se refletia na religião professada que ora era católica, ora era tupi, contudo a mais forte das características apresentada no texto era o processo de Indianização da qual esses mamelucos, mesmo tendo uma parte da origem branca, debruçaram-se nas suas raízes indígenas. E, embora praticassem alguns dos rituais do branco cristão, a exemplo de batismo, casamento, e catolicismo, esses indivíduos adentravam em suas raízes indígenas com mais afinco do que o apego aos costumes do colonizador. A respeito disso, Vainfas (1995) preceitua:

Vivendo entre os índios, andavam nus, riscados, pintados a beber cauim, a tanger maracás e a saudar lacrimosamente os visitantes; bailavam, cantavam, esposavam mulheres índias, das quais tinha



filhos, adquiriam nomes índios, e ao lado deles guerreavam fosse contra tribos inimigas, fosse contra os colonizadores; matavam, portanto, usando do arco e flecha em que eram destros; aprisionava e atavam com muçurana os condenados; participavam ativamente, não tenho dúvida, dos ritos antropofágicos, comendo a carne do moquém à moda tupi. (Vainfas, 1995, p. 146)

Vainfas (1995) investiga a dualidade nas relações entre mamelucos e indianizados, durante o Período Colonial brasileiro. Esses grupos são resultantes da mistura entre europeus, indígenas e africanos, estes enfrentaram tensões culturais e religiosas. Tal dualidade se manifesta na coexistência de distintas crenças e práticas religiosas frequentemente sincréticas. Essa dinâmica complexa entre mamelucos e indianizados revela a riqueza e as contradições das interações culturais. A ambivalência entre mamelucos e indianizados destaca-se na complexidade das interações culturais durante o Brasil Colônia, em que as fronteiras entre as diferentes identidades étnicas e culturais, muitas vezes, se tornavam fluidas. Dessa maneira, é explorada por Vainfas ao examinar como as práticas e crenças indígenas foram incorporadas e reinterpretadas pelos diversos grupos que compunham a sociedade colonial.

Na questão de constituição de família, Vainfas (1995) apresenta que, apesar de os mamelucos desposassem suas mulheres nos termos cristãos, mantinham ainda, famílias secundárias nas tribos indígenas pelas quais transitavam. Em relação aos preceitos religiosos, esse mesmo autor cita que os mamelucos não seguiam, rigorosamente, vários dos preceitos da fé católica. Além da questão das várias esposas, praticavam jogos de azar, bebedeira, sodomia, isto é, nada diferente dos colonos quinhentistas.

No geral, para Vainfas (1995), os mamelucos eram responsáveis direto em um processo de aculturação dos povos indígenas, introduzindo, além das questões da fé, cavalos, éguas, pólvoras, espingardas, arcabuzes, espadas, facas, pistoletes, bandeiras, tambores, artifícios, que acabou por armar os indígenas contra a colonização escravocrata.

## **MAMELUCOS DESCONSTRUINDO O CATOLICISMO EM UMA PROPAGANDA ANTIJESUÍTICA POR MEIO DE UMA CATEQUESE ÀS AVESSAS**

A colonização portuguesa trouxe consigo elementos culturais, linguísticos e sociais europeus que tiveram um impacto duradouro na formação da sociedade brasileira. O Brasil também se tornou um importante destino para o tráfico transatlântico de escravizados africanos, contribuindo para a diversidade étnica e cultural do país.

Assim, a tendência normal do colonialismo brasileiro refletiu a busca por riqueza econômica, exploração de recursos e a imposição de estruturas sociais e políticas europeias sobre a população nativa e os grupos trazidos como escravizados. Durante o Período Colonial, os colonizadores portugueses no Brasil interagiram de maneiras complexas com as populações indígenas. Embora o relacionamento tenha envolvido exploração



e imposição de valores europeus, também houve situações em que os colonizadores portugueses dependiam dos conhecimentos e habilidades dos indígenas. Os indígenas muitas vezes desempenhavam papéis importantes, como guias, tradutores e aliados estratégicos aos portugueses. Eles tinham conhecimento da geografia, flora e fauna locais, o que era crucial para a sobrevivência dos colonizadores em um ambiente desconhecido. É fato que, sem o conhecimento dos povos indígenas, os recém-chegados portugueses ao Brasil teriam enfrentado sérias dificuldades para sobreviver, pois chegaram com escassos alimentos e infestados de doenças. Ou seja, sem os indígenas, não haveria colonização.

Vainfas (1995) atribui a ideia de “indianização” como uma possibilidade real para os europeus desembarcados na América e sugere a capacidade de adaptação e influência mútua entre os colonizadores e os povos indígenas. Isso implica que, em alguns casos, os europeus poderiam assimilar elementos da cultura indígena em suas próprias práticas e modos de vida. Essa dinâmica reflete a complexidade das interações culturais no período de colonização. Os europeus, ao entrarem em contato com as culturas indígenas, poderiam adotar certos aspectos, seja por necessidade prática, estratégia de convivência, seja por uma forma de aculturação.

O autor aborda o sincretismo religioso, evidenciando as interações entre as crenças indígenas e a religião católica durante o Período Colonial no Brasil. Ele explora como as práticas religiosas dos povos indígenas foram, em alguns casos, incorporadas e adaptadas à fé católica, resultando em formas de religiosidade sincrética. Esse fenômeno reflete não apenas a imposição da religião europeia, mas também a capacidade de resistência e adaptação das comunidades indígenas diante das mudanças culturais. Dessa maneira, a obra destaca a riqueza e a complexidade das interações religiosas, evidenciando como diferentes grupos no Brasil colonial negociaram e reinterpretaram suas crenças em um contexto de encontro cultural.

A representação dos mamelucos em uma propaganda anti jesuítica desmoraliza o catolicismo por meio de uma catequese às avessas, invertendo conceitos e questionando valores tradicionais. Esse tipo de abordagem seria controverso, buscando provocar reflexões sobre a influência da religião e suas práticas. Os mamelucos desempenharam papéis diversos na sociedade colonial, frequentemente atuando como intermediários entre os colonizadores e os povos indígenas. Sua presença está relacionada a dinâmicas sociais complexas, incluindo aspectos econômicos, culturais e religiosos.

Os padres falavam que, durante a chegada dos jesuítas com índios para os aldeamentos, os mamelucos repetidamente interferiam, tentando dissuadir os índios de seguir para as missões. Com notável habilidade, os mamelucos pregavam que, ao escolherem os aldeamentos, os índios abririam mão de múltiplas esposas, do consumo de fumo, da prática de danças e dos “costumes de seus antepassados”, incluindo a participação em rituais de matanças. Em contrapartida, ofereciam a promessa de que, ao optarem por acompanhá-los, os índios poderiam preservar a vontade de seus costumes, sem restrições.

À vista disso, Francisco Pires comunicava aos indígenas que os jesuítas tinham a intenção de “convertê-los ao cristianismo”, contrastando de maneira perspicaz a catequese com as tradições tupis. Uma queixa semelhante contra os mamelucos foi expressa pelo próprio Anchieta, em 1584, ao relatar que alguns



mamelucos audaciosamente afirmaram aos indígenas que os padres tinham a intenção de submetê-los à escravidão. Ao denunciarem o trabalho dos padres e posicionarem-se como guardiões das tradições ameríndias, os mamelucos contradiziam a mensagem dos jesuítas, proclamando, na língua geral, que o verdadeiro “gentio bom” era o “gentio cristão”. No entanto, essa postura dos mamelucos, que se apresentavam como defensores das tradições indígenas, era, na realidade, uma versão contrária à abordagem jesuítica, caracterizando uma verdadeira anti-catequese. Apesar disso, não protegiam efetivamente as tradições e a liberdade dos indígenas, como afirmavam fazer, sendo eles próprios, em certa medida, descendentes de indígenas. Seu verdadeiro propósito era preservar os interesses do colonialismo escravocrata.

## A DUALIDADE DA IGREJA CATÓLICA COM A NOVA RELIGIÃO DOS MAMELUCOS

Para Vainfas (1995), os mamelucos criam uma nova religião através de embates que estariam acontecendo entre jesuítas e indígenas. Os mamelucos entram nessa luta de uma construção através da santidade, que seria o avesso do catolicismo que os jesuítas pregavam, em que seria uma verdadeira anti-catequese. Através disto, Vainfas (1995) cita que Fernão Cabral se aproveita do que está acontecendo e instituiu as circularidades e sínteses culturais que se operavam, e não por acaso, ultrapassando todos os limites, propôs ao papa indígena, via Tomacaúna, juntar “a igreja dos índios com a dos cristãos”. Esse autor, ainda, evidencia que Fernão Cabral não foi o autor intelectual do catolicismo tupinambá, mas seu mentor político, ao oficializar nada menos do que uma igreja católica-indígena em terra cristã e escravocrata.

Nesse sentido, os sertanistas mamelucos iam para Fazenda de Jaguaripe que no início, seus cultos eram exclusivamente para índios, esses cultos eram chefiados pela “mãe de Deus”, Tupansy, com um grande número de índios foragidos da escravidão e jesuítas que passam a frequentar a igreja. Entretanto, os cultos começaram a chamar a atenção, principalmente devido à devoção de outros grupos étnicos da Bahia. A santidade era tão popular no Recôncavo Baiano que muitos brasis cristão, mamelucos filhos de brancos e brasis, pessoas brancas, e negros cristãos de Guiné deixam a religião Católica, para seguir a santidade. A santidade gerava uma grande comoção de devoção pelos cultos. Vainfas (1995) menciona algumas citações. Em primeiro lugar, estaria a denúncia de uma mameluca, chamada Maria Carvalha, que servia na casa de Fernão Cabral, onde acusa Petronilha, negra de Guiné, de esbofetear a imagem de nossa senhora e de insultá-la, dizendo que “aquela senhora não prestava por que era de tábua” (VAINFAS, 1995, p.152-153), que melhor era o dos gentios de pedra, referindo-se ao ídolo cultuado na santidade.

Segundo Vainfas (1995), aos olhos dos índios, sobretudo os que haviam passado pela catequese, operou-se uma autêntica fusão de símbolos e crenças religiosas, a ponto de ídolo Tupanaçu por eles cultuados ser, ao mesmo tempo um herói, o tupi e o Deus cristão. Vainfas (1995) afirma que o “Deus grande” era uma construção dos jesuítas e catecúmenos na qual construíram juntos a língua geral. Não foi outra razão, aliás, que se chamou a santidade de catolicismo tupinambá. Na verdade, a santidade não foi monopólio dos “índios



cristãos”, mas acabou vivenciada por “gentio pagão”, “negros da Guiné”, brancos e mamelucos (VAINFAS, 1995).

Nesse sentido, a esposa de Fernão Cabral, Dona Margarida da Costa, mulher que se dedicava à seita, mais do que se poderia imaginar. Não era somente ao tratamento cordial que desempenhava ao alto clero da seita, recebendo a mãe de Deus na casa grande e, também, aceitando fitinhas de presente, permitindo que os índios pintassem sua casa, ainda mais pelo fato da certeza que D. Margarida tinha sobre a religião, na qual dizia que a santidade não poderia ser coisa do demônio, mas sim alguma coisa santa de Deus, pois os índios traziam cruzeiros que o demônio fugia e nomearam a santidade de Santa Maria. Depois, com medo da inquisição, D. Margarida admitiu ter sido iludida pelos índios, sobretudo, a destruição da igreja por ordem do governador. O misticismo também era um ponto central na santidade, mas a religião faz parte do Brasil Colonial, em que era muito prático o misticismo indígena. Muitos que seguiam a santidade, também faziam fervor à idolatria do misticismo das crenças em seus deuses e ídolos cultuados. Vainfas (1995) cita alguns exemplos, como Vicente Moura, fervoroso sectário que “gritava ser o fumo o deus que vinha do paraíso” (VAINFAS, 1995, p. 155) e outro exemplo seria Luiza Barbosa, filha de um escrivão que, durante alguns dias, acreditou que “Nossa Senhora e Nosso Senhor tinha voltado ao mundo na santidade dos índios” (VAINFAS, 1995, p.155). A heresia também acontecia, em que eram atribuídos nomes de santos aos principais da santidade. Fernão Cabral e sua família são acusados no final por relacionar com indígenas e a santidade, desde proteger a seita e patrociná-la, até as práticas dos costumes, como as danças em volta dos ídolos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, Vainfas (1995) fornece uma análise profunda e abrangente sobre os mamelucos e sua influência durante o Período Colonial brasileiro. Os mamelucos se destacaram como uma figura culturalmente híbrida, intermediários entre as culturas europeia e indígena, com uma atuação nas expedições e na relação com os povos nativos que tiveram um papel significativo no processo de colonização. Contudo, os mamelucos possuíam conhecimentos diversos, desde habilidades guerreiras, até práticas de cura e sobrevivência na natureza, obtidos por meio da interação com os povos indígenas.

A mistura de culturas era de fato ambivalente, transitando entre a religião católica e os rituais e costumes indígenas, resultando em um sincretismo religioso, promovendo uma espécie de “catequese às avessas”, buscando preservar as tradições indígenas diante da imposição religiosa dos colonizadores europeus. Ademais, a reflexão sobre o papel dos mamelucos na propaganda antijesuítica e a maneira como eles influenciaram e desafiaram as práticas religiosas europeias. Essa atitude contraditória dos mamelucos, que se apresentavam como defensores das tradições indígenas, mas ao mesmo tempo preservavam os interesses coloniais, aponta para a complexidade de suas ações.



## REFERÊNCIAS

DE LÉRY, Jean. Fac-símile da “Histoire d’un voyage fait en la terre du Bresil, dite Amerique” ( em francês). Disponível em

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k580169/f1.image.langPT>>. Acesso em dez de 2023.

HAUBERT, Maxime. 1990 [1967]. A vida cotidiana: Índios e Jesuítas no tempo das missões. São Paulo: Companhia das Letras.

VAINFAS, Ronaldo. A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.